



UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS

CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA

CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS

JULIVÂNIA MARTINS DA SILVA

**A IRONIA NA OBRA *TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA* COMO FORMA DE
DENÚNCIA DE PROBLEMÁTICAS SOCIAIS DA SOCIEDADE BRASILEIRA DO SÉCULO**

XX

Araguaína - TO

2024

JULIVÂNIA MARTINS DA SILVA

**A IRONIA NA OBRA *TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA* COMO FORMA DE
DENÚNCIA DE PROBLEMÁTICAS SOCIAIS DA SOCIEDADE BRASILEIRA DO SÉCULO**

XX

Monografia foi avaliada e apresentada à UFNT – Universidade Federal do Norte do Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaína, Curso de Letras - Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas para obtenção do título de Licenciatura em Letras e aprovada em sua forma final pela Orientadora e pela Banca Examinadora.

Orientadora: Profa. Dra. Elizabete Barros de Sousa Lima

Araguaína – TO

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Geração de Ficha Catalográfica SGFC-UFNT
Gerado automaticamente mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M386i Martins da Silva, Julivânia .

A ironia na obra Triste Fim de Policarpo Quaresma como forma de denúncia de problemáticas sociais da sociedade brasileira do século XX. / Julivânia Martins da Silva. - Centro de Ciências Integradas - CCI, TO, 2024.

41 f.

Monografia Graduação (Graduação - em Letras - Português) -- Universidade Federal do Norte do Tocantins, 2024.

Orientadora: Profa. Dra. Elizabete Barros de Sousa Lima.

1. Lima Barreto. 2. Ironia. 3. Modernidade brasileira.

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.


JULIVÂNIA MARTINS DA SILVA

**A IRONIA NA OBRA *TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA* COMO FORMA DE
DENÚNCIA DE PROBLEMÁTICAS SOCIAIS DA SOCIEDADE BRASILEIRA DO
SÉCULO XX**


Monografia foi avaliada e apresentada à UFNT – Universidade Federal do Norte do Tocantins – Campus Universitário de Araguaína, Curso de Letras – Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas para obtenção do título de Licenciada em Letras e aprovada em sua forma final pela Orientadora Dra. Elizabete Barros de Sousa Lima e pela Banca Examinadora.

Data da Aprovação: 06/12/2024


Banca Examinadora

Documento assinado digitalmente
 **ELIZABETE BARROS DE SOUSA LIMA**
Data: 11/12/2024 15:55:09-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dra. Elizabete Barros de Sousa Lima

Orientadora
Documento assinado digitalmente
 **VALERIA DA SILVA MEDEIROS**
Data: 12/12/2024 14:39:34-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dra. Valéria da Silva Medeiros, UFNT

Examinadora
Documento assinado digitalmente
 **WECHILLEY RODRIGUES LOPES**
Data: 11/12/2024 17:14:40-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Me. Wechiley Rodrigues Lopes, UFNT

Examinador

Araguaína – TO

2024

Dedico a Deus esse trabalho que é todo soberano e nos permite crescer em nossa pequenez e à minha capacidade de resistir as pedras que muitas vezes pareciam maiores que minhas forças.

AGRADECIMENTOS

Agradeço de coração a Deus, que sempre iluminou meu caminho e me deu forças para enfrentar os desafios desta jornada. Sou imensamente grata pelas políticas públicas que possibilitaram o acesso à educação e ao conhecimento, permitindo que eu trilhasse este caminho na Universidade Federal do Norte do Tocantins.

Um agradecimento especial à minha Mãe, Joelma, cuja força e amor incondicional foram fundamentais para que eu chegasse até aqui. À minha irmã, Juliana, e aos meus irmãos, obrigado pelo apoio constante e pelas palavras de encorajamento que sempre me motivaram.

Agradeço profundamente à minha orientadora, Bete, pela orientação, paciência e sabedoria compartilhada durante todo o processo de pesquisa. Sua dedicação fez toda a diferença em minha trajetória acadêmica.

Aos meus amigos Fabiana, Marina e Said, que sempre trouxeram alegria e companheirismo, contribuindo para que eu me sentisse mais forte e confiante mesmo nos momentos mais desafiadores que me desencorajaram durante a escrita e o percurso da graduação. E ao meu namorado que me apoio com amor e carinho no decorrer da minha escrita.

À banca examinadora pela leitura atenta a esta pesquisa, deixo meus sinceros agradecimentos.

Por fim, meu reconhecimento a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para que esta pesquisa se tornasse realidade. A cada um de vocês, meu mais sincero agradecimento. Juntos, formamos uma rede de apoio e amor que é inestimável.

RESUMO

Lima Barreto é considerado um dos maiores escritores da literatura brasileira. Sua obra de maior reconhecimento é *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1915), sendo este um dos seus romances mais lidos neste século. Reconhecendo a importância do romance para as discussões sociais contemporâneas, esta pesquisa analisa como a ironia contribui para a representação dessacralizada da sociedade de sua época de escritura. Para isso, destaca os principais apontamentos históricos que levaram, de forma direta e indireta, ao discurso crítico Barreto. Nessa esteira, nos afiliamos aos estudos desenvolvidos por Muecke (1995) e Linda Hutcheon (2000) para pensarmos a ironia e suas principais formas de ação discursiva. A aderência irônica adotada na análise do romance é a ironia de situação (ou observável. 1), que acontece quando há discrepância entre o que se espera e o que realmente ocorre em determinada situação enunciativa. Essa ironia pode se manifestar de diferentes maneiras e abranger várias dimensões. Nesse contexto, observamos que a ironia situacional presente no romance de Barreto se configura como um plano macro que dá suporte e molda as características da sociedade representada.

Palavras-chave: Lima Barreto. Ironia. Modernidade brasileira.

ABSTRACT

Lima Barreto is considered one of the greatest Brazilian writers. His work *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (1915) of most recognized is one of the most read novels in this century. Recognizing the importance of the novel to contemporary social discussions, this research analyzes how irony helps in the representation of the desecrated society in the time that the work was written. In order to do that, the research highlights the main historical events that led, directly and indirectly, to Barreto's critical discourse. In these lines, we have brought the studies developed by Muecke (1995) and Linda Hutcheon (2000) in order to think about irony and its main forms in discourse. The ironic adhesion applied in the analysis of the novel is the situational (or observable) irony, that happens when there is a discrepancy between what is expected to happen and what really happens in a specific situation. This irony can manifest itself in different manners and encompasses innumerable dimensions. In this context, we have observed that irony present in the novel can be configured as a macro area that supports and shapes the characteristics of the society represented.

Keywords: Lima Barreto. Irony. Brazilian modernity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. Vida e obra de Lima Barreto: possíveis influências que contribuíram para seu repertório crítico.....	12
1.1 Vida e obra do autor	12
1.2 Lima Barreto e seu tempo	14
2 Ironia em duas leituras	18
3.2 Modulações, funções da ironia segundo Hutcheon	22
3.3 A ironia na literatura brasileira	24
4 Um sossego desassossegado.....	28
4.1 A ironia em <i>Triste fim de Policarpo Quaresma</i>	28
4.3 A hipocrisia social ou apenas características individuais?.....	34
5. 4 Desejo <i>versus</i> realidade.....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS	41

INTRODUÇÃO

A literatura, como uma das artes, configura-se no curso da historicidade como uma força capaz de não apenas registrar os percursos da sociedade em suas diferentes eras, esta possibilita diferentes manifestações artísticas da humanidade, pelo modo como consegue estabilizar e/ou desconfigurar a realidade, atravessando, assim, os espaços sociais e os indivíduos.

Ao pensarmos na literatura brasileira, constatamos que ela compõe o mesmo propósito que a literatura universal. No entanto, assim como toda nação possui suas especificidades, a literatura brasileira também possui seus próprios traços. Apesar disso, a importância de ressaltar a singularidade da literatura brasileira não nega o fato de que esta esteve por séculos sob influências europeias, visto que essas tendências, por longos períodos, foram os holofotes da literatura brasileira. O fator que trouxe maior prestígio e relevância ao construto da literatura nacional está altamente associado à perspicácia de seus escritores, que colaboraram para a construção da identidade literária brasileira, em especial os autores precursores do Modernismo.

Pensando na proposta que o meio literário oferece à sociedade como um todo, iremos, nesta pesquisa, analisar e refletir sobre os trajetos influentes desta, no período em que há uma comoção pela liberdade de escrita e desvinculação das influências europeias. Desta forma, como objeto de análise deste trabalho, focalizaremos o autor Lima Barreto (1881-1922) e sua escrita irônica em *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, posto ser uma obra que desdobra recursos discursivos, como a ironia, para apontar as forças de dominação social e, também, por meio da voz subversiva do escritor, que representa em suas obras os indivíduos que são marginalizados pela sociedade, visto que o autor possui uma escrita irônica singular.

A partir dessa incursão, nos surgiu a seguinte inquietação: até que ponto a ironia é capaz de causar instabilidade e criticar a hipocrisia social da elite dominante? Tendo essa interrogativa como proposta de trabalho, iremos desenvolver nossa pesquisa com base na escrita do referido autor. Por mais que a ironia barretiana tenha sido questionada e estudada sob outras perspectivas, cabe-nos, aqui, ressaltar e aprofundar a discussão sobre essa figura de pensamento enquanto ferramenta discursiva.

Portanto, no decorrer desta pesquisa, discutimos traços da vida e obra de Lima Barreto e dos principais momentos históricos que permeiam sua trajetória, além de explicar o que é ironia e como se constitui nos discursos, de acordo com os estudos de Linda Hutcheon (2000) e Muecke, entre outros autores necessários à pesquisa. Por conseguinte, ressaltamos como a ironia é utilizado pelo escritor carioca para tecer críticas ao governo dominante da época em

questão, o republicano, à sociedade do rio de Janeiro dos finais do século XIX e início do século XX. Em linhas gerais, constatamos que a ironia é empregada no romance *Triste fim de Policarpo Quaresma* como crítica exacerbada à hipocrisia social, dessacralização dos costumes doentios da então capital do Brasil, como, também, ao ufanismo exacerbado dos militares.

1. Vida e obra de Lima Barreto: possíveis influências que contribuíram para seu repertório crítico

Nesta seção, discutimos um pouco da vida e da obra de Lima Barreto (1881-1922), apontando os traços biográficos mais relevantes, assim como os parâmetros sociais que circundaram a vida do autor. Desse modo, trouxemos à tona os percursos e as figuras históricas que também foram críticos e ativistas cruciais para a defesa da população mais desfavorecida do século XX: pobres e negros. De modo geral, apontamos fatores que contribuíram a escritura crítica de Lima Barreto.

1.1 Vida e obra do autor

Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922) é um dos principais romancistas do Pré-Modernismo. Sua escrita é marcada por ser simples e de fácil entendimento, estilo que se contrapõe aos do parnasianismo e do simbolismo, que eram considerados puristas. Embora Lima Barreto tenha sido consagrado e reconhecido como uma grande influência do Pré-Modernismo, em vida, o escritor não viveu grande glória, inclusive, suas obras foram publicadas pelo esforço do escritor. O reconhecimento de suas obras ocorreu, porém, passaram por silenciamento exacerbado, devido à verve crítica impregnada em suas escrituras. A trajetória de Barreto, marcada por lutas contra o preconceito racial e as desigualdades, é perceptível em diferentes obras, como é o caso de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909). Moisés Gicovate (1952, p. 47) descreve a realidade de Lima Barreto da seguinte maneira:

Nos demais escritos do autor, são apresentados os mesmos problemas, discutidos os mesmos preconceitos, escarpados os mesmos dramas. Por sua obra pode ser reconstituída a dolorosa e atormentada vida do autor, suas lutas, suas derrotas, suas frustrações. São, assim, confissões, autografias, memórias.

Conforme as descrições, a realidade dura de Lima Barreto é transcrita em suas obras de forma direta e indireta. O romancista negro é de uma família descendente de escravos; no entanto, foi apadrinhado pelo Visconde de Ouro Preto. Dessa forma, teve a oportunidade de estudar o ensino básico e iniciar um curso superior. Entretanto, devido à fragilidade da saúde mental do pai, abandonou os estudos e passou a trabalhar na Secretaria de Guerra (RJ) para sustentar a família. Apesar das obrigações, ele não se absteve dos meios intelectuais.

A escrita de Lima Barreto foi desenvolvida e alimentada a partir de seus trabalhos em jornais e revistas, assim sua crítica é fundamentada nas experiências com as desigualdades

sociais. Faz-se necessário ressaltar que a sua escrita parte da tentativa de ruptura com as influências europeias; desse modo, a representação da cultura nacional serve como cenário para descrever e criticar os diferentes problemas da sociedade à qual ele pertencia. Em razão disso, Sérgio Buarque de Holanda (1936, p. 176) destaca:

Lima Barreto, com sua escrita irônica e desiludida, soube captar, como poucos, a verdadeira alma do Brasil. Ao rejeitar as fórmulas literárias importadas da Europa, ele procurou, nas suas crônicas e romances, uma representação genuína das contradições do país e das dificuldades de sua formação social.

Assim, como Holanda denota, Lima Barreto manifestava oposição ao parnasianismo e ao simbolismo, visto que esses estilos não eram capazes de expressar a verdade brasileira, seja regional ou urbana, segundo o ponto de vista do autor, pois estavam focados no esteticismo e esqueciam a realidade das ruas. O Brasil necessitava de uma voz para descrever os desafios enfrentados pelo seu povo e, através da obra *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, veremos as nuances da sociedade do final do século XIX e início do XX, que carece de estrutura política, cultural e social, ou seja, sem uma identidade.

O Pré-Modernismo, para alguns, é considerado um período literário; para outros, apenas um movimento transitório. Contudo, o que nos interessa é a importância dos fatos históricos que foram descritos pelos principais nomes do movimento, como Graça Aranha (1868-1931), Euclides da Cunha (1866-1909), Augusto dos Anjos (1884-1914) e Lima Barreto (1881-1922). Esses autores tinham como principal foco mostrar a realidade brasileira, desde as guerras e os preconceitos raciais até a crítica ao nacionalismo exacerbado, ou seja, o ufanismo. Na obra em análise, *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, Lima Barreto (1915) apresenta denúncias à classe média baixa e acolhimento para os mais fracos e negros.

Triste Fim de Policarpo Quaresma foi publicada inicialmente em folhetins no ano de 1911, no *Jornal Commercio*, onde Lima Barreto trabalhava. Entretanto, essa obra foi publicada como livro somente em 1915. É rica em repertórios críticos que merecem ser discutidos e analisados e que serão levados em consideração no decorrer deste trabalho. Por sua vez, iremos mergulhar na ironia, recurso estilístico amplamente utilizado tanto no cotidiano quanto na literatura para questionar discursos dominantes e dessacralizar o monologismo cultural.

A ironia é um recurso linguístico que possui, em seu caráter significativo, a possibilidade de representar discursos que falam e representam ideais, mas que, em seu teor formativo, evidenciam instabilidade de sentido. Ou seja, o que é emitido com teor irônico busca mostrar uma contradição, pois o sentido anunciado é contrário ao que realmente se emite. Dessa forma, pode haver a possibilidade de um ato fingido ou a intenção de ser ambíguo para trazer

humor, levando-nos a crer que a finalidade dessa ironia varia de acordo com a intenção de quem a utiliza e o contexto da situação. Beth Brait (2008, p. 16) destaca que:

A ironia é surpreendida como procedimento intertextual, interdiscursivo, sendo considerada, portanto, como um processo de meta referencialização, de estruturação do fragmentário, que, como organização de recursos significantes, pode provocar efeitos de sentido como a dessacralização do discurso oficial ou o desmascaramento de uma pretensa objetividade em discursos tidos como não neutros. Em outras palavras, a ironia será considerada como estratégia de linguagem que, participando da constituição do discurso como fato histórico e social, mobiliza diferentes vozes, instaura a polifonia, ainda que essa polifonia não signifique, necessariamente, a democratização dos valores veiculados ou criados.

Ao buscar compreender a ironia, independentemente de qual seja sua forma, artística ou retórica, é essencial analisar o sentido a partir de quem fala, quando se fala e para quem se fala. Somente após esses princípios podemos observar o uso dessa estilística e sua finalidade social. Lima Barreto (1915) utiliza seu narrador irônico como principal meio de tecer críticas sociais. As combinações dos enunciados do narrador são construídas inicialmente como uma narração cotidiana de Policarpo. Contudo, ao analisarmos as ações moralistas e a conduta ética da personagem em relação ao meio, veremos que o romancista expõe, de forma irônica, problemáticas sociais através das vivências de Major Quaresma.

A ironia não possui uma única definição; por essa razão, pode ser empregada para diferentes finalidades. Ao longo da obra, observamos a ironia invertida, assim como a ironia humorística. Ou seja, nem toda ironia provoca risos; no entanto, em *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (1915), ela é capaz de levar o “(co)autor” a rir, ao mesmo tempo que o desperta para a realidade apresentada. Nesse sentido, Lima Barreto (1915) convoca seus leitores a sentirem a ambiguidade nas falas do narrador, personagens, espaços e afins, que são organizados e esquematizados para que possamos perceber o Brasil das contrariedades, seja em liberdade, inclusão, nacionalismo, entre outros temas que fazem parte do romance.

1.2 Lima Barreto e seu tempo

Independente da teorização que possa circundar Lima Barreto, é notório mencionar que o referido autor aponta, em suas obras, a desigualdade social e racial como foco de sua escrita e discussões reflexivas. Sabendo, assim, das principais motivações de Barreto, podemos compreender, sem muito esforço, que suas críticas partem de um lugar de fala, de um vivenciamento desventuroso em relação às mazelas sociais, marcadas, em especial, pelas desigualdades ao longo de sua vida. Partindo desse viés, para entendermos como a escrita e as

denúncias de Lima Barreto impactam o campo social, precisamos, inicialmente, expor como, de fato, o sistema social funcionava.

A desigualdade social no Brasil está longe de ser um problema contemporâneo, e muito menos as emblemáticas questões raciais. No entanto, neste momento, iremos repensar a sociedade do final do século XIX e do século XX, visto que esse período é complexo e permeia a obra de Lima Barreto. Como reflexo de um país de enfoque na cultura de apagamento aos autores negros, aqui, podemos citar o próprio Barreto que é pouco mencionado como autor afrodescendente.

Ao final do século XIX, o Brasil, ainda sob um império monárquico, entrou tardiamente no processo de abolicionismo. Somente com a pressão externa de países como a Inglaterra, o país iniciou a longa e gradual abolição. Diante da pressão econômica e política que envolvia o a nação, a primeira lei que impediu o tráfico negreiro foi instituída: a Lei Eusébio de Queirós (1850). Apesar disso, os debates que buscavam o fim da escravidão estavam cada vez mais evidentes, pois, assim como aqui, outros países tinham o mesmo objetivo, como as colônias espanholas, que desejavam romper com esse paradigma. Somente mais de 30 anos depois, a Lei Áurea (1888) foi promulgada, dando fim à era escravocrata.

Dentre as figuras que antecederam o fim da escravização, podemos citar Luiz Gama (1830-1882), não apenas pela coincidência de ter morrido um ano após o nascimento de Lima Barreto, mas também pelo fato de ter sido um dos nomes mais importantes que contribuíram para o fim da escravatura. Nesse contexto, Bruno Lima (2021) organizador do texto de Luiz Gama, na qual descreve a sociedade:

Liberdade sintetiza a visão política da maior liderança abolicionista de São Paulo na última década da escravidão no Brasil. Jornalista e advogado experiente, Gama usaria de sua veia literária para mudar a chave narrativa e operar uma clivagem conceitual e prática no reposicionamento do movimento abolicionista em São Paulo, que viria a ter repercussão em todo o país. [...] Gama definiria a política da escravidão como significante indissociável de violência, crueldade, terror, crime e impunidade, ao passo em que enalteceria a resistência dos escravizados pardos e negros como ação política imbuída de indiscutível valor moral e autonomia da vontade. (Liberdade 1880-1882, 2021, p.15)

Dessa forma, a força das incursões de Luiz Gama percorre linha de pensamento e posicionamentos críticos voltados ao enfrentamento das correntes da parcela social antiabolicionista e elitista. Assim, o autor utilizou sua escrita literária como ferramenta poderosa para a causa abolicionista. Ele escreveu artigos e ensaios em jornais e revistas,

abordando a moralidade e a justiça da escravização, além de educar a população sobre os horrores e as injustiças do sistema. Seus textos, muitas vezes recheados de crítica e ironia, - assim como Lima Barreto adotava a ironia como instrumento fundamental da crítica social -, ajudaram a mobilizar a opinião pública e aumentar a conscientização sobre a necessidade de mudança.

Ademais, Luiz Gama se destacou como advogado, utilizando sua posição para defender escravizados e libertos, frequentemente questionando a legalidade da escravidão e lutando para garantir a liberdade de indivíduos em situações injustas. A título de exemplo, Bruno Lima (2021) apresenta um dos casos efetivos do ilustre defensor dos direitos dos negros, conforme se vê na frase abaixo:

isto é torpeza de branco” marca, de saída, a singularidade de seu abolicionismo. Mais do que uma exclamação momentânea, a sentença organiza um aspecto da interpretação jurídica de Gama, tanto em matéria criminal como civil e administrativa: que a escravidão, tomasse ela a circunstância judicial e o tipo normativo que fosse, seria, sempre, um crime próprio da torpeza de branco. Tal qual um imperativo categórico, portanto, a torpeza de branco seria, em seu argumento de combate, a razão fundadora da escravidão. Com esse princípio, o advogado iria às últimas consequências, como de fato foi ao sustentar que “o escravo que mata o senhor cumpre uma prescrição inevitável de direito natural”. Se em matéria criminal, por um lado, a vítima, o autor e a prova possuem um estatuto que permite até mesmo o julgamento leigo por “juízes de fato”, cabendo à banca de defesa convencê-los da não culpabilidade do réu, por outro lado, no domínio do direito civil, mediado por uma complexa normatividade e julgado por juristas especialistas, nem sempre a torpeza de branco se fazia tão nítida como num crime contra a vida. Ainda assim, será possível ver Gama atacar a torpeza na lei eleitoral ou numa disposição testamentária para sucessão de herdeiros. [...]. O combate ao racismo, portanto, tornou-se o ponto convergente de sua estratégia jurídica. (Liberdade 1880-1882, 2021, p. 35,36)

Sua atuação foi vital para desafiar o sistema escravocrata e contribuir para a diminuição da prática racista em relação aos negros perante a lei. Assim, de forma prática, lutou pelo direito à liberdade e pelos direitos dos negros no Brasil. Dessa forma, o advogado e escritor deixou contribuições que, até os dias atuais, possuem grande valoração. Apesar de não ter vivido para presenciar a abolição proclamada pela monarquia brasileira, Luiz Gama certamente contribuiu significativamente para o desdobramento desse acontecimento.

No entanto, infelizmente, o fim da escravidão não significou o fim do sofrimento da população negra, pois os recém-libertos enfrentavam o desafio de sobreviver à configuração social, buscando, a princípio, moradia e alimentação - o básico para viver. Em contrapartida, a elite dominante detinha a posse dos recursos. A sombra da história brasileira é marcada por uma sociedade escravista e desigual, que, por muito tempo, permaneceu literal e, tragicamente,

ainda perdura de forma simbólica. A luta racial é, portanto, uma luta contra a desigualdade social e por existência.

A desagregação do regime escravocrata e senhorial se operou, no Brasil, sem que se cercasse a destituição dos antigos agentes de trabalho escravo de assistência e garantias que os protegessem na transição para o sistema de trabalho livre. Os senhores foram eximidos da responsabilidade pela manutenção e segurança dos libertos, sem que o Estado, a Igreja ou qualquer outra instituição assumisse encargos especiais, que tivessem por objeto prepará-los para o novo regime de organização da vida e do trabalho. (...) Essas facetas da situação (...) imprimiram à Abolição o caráter de uma espoliação extrema e cruel. (p. 29)

Em suma, a Abolição tornou-se um abandono velado, uma hipocrisia de uma nova era para os povos anteriormente escravizados. No ano seguinte ao fim da escravização, novo sistema político foi implantado no Brasil: a República. Essa nova fase trouxe para a pátria inúmeros avanços revolucionários: a industrialização, a construção de ferrovias, a rede elétrica para a sociedade, entre outras demandas. No entanto, a realidade da população permaneceu a mesma. Isso nos leva à constatação que a insurgência da república mudou pouco a situação de um povo numeroso que se encontrava excluído e desassistido pelo governo.

Dentro desse simulacro estava Lima Barreto, escritor negro, funcionário público que tentava, por meio de seus escritos, narrar em meio à modernidade compulsória carioca, a Paris dos trópicos o desassossego dessa gente. Por sua vez, a seus apelos, restou, por bastante tempo, o silêncio.

2 Ironia em duas leituras

Nesta seção, iremos trazer discussões a respeito da definição de ironia, bem como explicar como esse recurso linguístico pode ser fracionado em formas e categorias. Também apresentaremos, por meio das formulações e reflexões de Muecke (1995), Linda Hutcheon (2000) e Alvarce (2009), diferentes aspectos da ironia.

2.1 Ironia Multiforme

Muecke (1995) traz algumas formulações destacando a ironia como algo "instável, vago e multiforme", reconhecendo que essas definições não são exatas. Para o autor:

Em matéria de definição, então, não devo insistir (salvo quando esqueço) que todo o mundo acerte seu relógio pelo meu. Direi que a hora está de acordo comigo, já que é a única hora de que tenho certeza. Minhas tentativas de definição e análise que começam no próximo capítulo serão, contudo, Anais do SILEL. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013. 3 antecipadas de um esboço da história do conceito de ironia, de modo que o leitor possa checar seu próprio relógio (Muecke, 1995, p. 23).

O autor nos relata que cada estudioso terá sua própria percepção de ironia, e que, em cada era, esse recurso apresentará novo modo de ser compreendido.

A primeira categoria da reflexão de Muecke é Ironia socrática: técnica de argumentação caracterizada pela simulação, com o intuito de formular perguntas ostensivamente simples. Essa estratégia induz o interlocutor a identificar contradições em seu próprio raciocínio. Ao utilizar essa abordagem, promove-se um processo reflexivo e autocrítico, facilitando o desenvolvimento do raciocínio crítico e a busca pela verdade. Muecke (1995, p. 31) retoma a definição que Sócrates descreve por ironia: “no sentido de simulação autodepreciativa, superior ao seu oposto, [...] ironia como um hábito pervasivo de discurso”. Assim, de forma intencional, questiona-se um conceito, descrevendo o justo oposto, com a finalidade de fazer o outro refletir e chegar ao objetivo; ou seja, delimita, contradiz e refuta.

A segunda categoria de ironia de Muecke é a dramática/trágica: é uma técnica em que o público conhece informações importantes que os personagens ignoram, criando tensão e emoção. Essa discrepância intensifica a narrativa, pois as ações dos personagens parecem levar a um destino trágico inevitável, destacando a fragilidade humana e o sofrimento. É um recurso comum em tragédias, tornando os eventos mais impactantes e dolorosos. Para o estudioso (1995, p. 95), é “inerente limitação da arte, a incapacidade de uma obra de arte, como algo criado, de captar plenamente e representar a complexa e dinâmica criatividade da vida [...] imaginativamente levada à consciência quando se lhe atribui conhecimento temático.”

Seguindo essa perspectiva, tem-se a terceira categoria, a ironia romântica: que consiste na dissimulação involuntária e, ainda assim, totalmente deliberada. “Tudo deveria ser jocoso e sério, francamente aberto e profundamente escondido.” Origina-se da união entre o *savoir vivre* e o espírito científico, da conjunção de uma filosofia perfeitamente instintiva com uma perfeitamente consciente. Dessa forma, contém e desperta um sentimento de indissolúvel antagonismo entre o absoluto e o relativo, entre a impossibilidade e a necessidade de comunicação completa (Schlegel apud Muecke, 1995, p. 40 - 41).

A categoria irônica moderna, ou seja, a ironia moderna é um fenômeno cultural relevante, refletindo a complexidade das relações sociais contemporâneas. Nas redes sociais, memes e postagens irônicas funcionam como estratégias de comunicação eficazes, expressando descontentamento e humor sobre temas sérios e a sinceridade. A ironia moderna pode servir tanto como uma forma de crítica social quanto como um mecanismo de defesa, permitindo que indivíduos naveguem pela incerteza e pelo absurdo da vida contemporânea. Assim, Muecke (1995, p. 35) salienta: “A ironia pode ser encarada como obrigatória, dinâmica e dialética. Desses novos significados que a “ironia” assumiu, os mais importantes emergiram do fermento da especulação filosófica e estética.”

Além disso, o referido autor observa que a ironia pode criar novas possibilidades e imersões que partem do ponto da dialética entre os envolvidos, assim, pode dificultar as conexões autênticas e a expressão genuína de sentimentos. A ironia moderna atua como um mecanismo de defesa psicológico em tempos de incerteza, promovendo distanciamento emocional e resiliência frente ao absurdo da vida, facilitando a adaptação à realidade. Mediante essas concepções, podemos compreendê-la (mas não a definir como algo imutável) como distinta e variável, capaz de mobilizar inúmeras modalidades discursivas. Logo, temos a certeza de que a ironia desestabiliza, nega, assume, zomba, entre outras possibilidades, visto que a estilística é multiforme. Por essa razão, ela é muito utilizada em diferentes campos discursivos da linguagem humana, mas, quando pensamos em sua presença na literatura, podemos encontrá-la com diferentes finalidades.

Muecke (1995) nos apresenta duas grandes categorias para a ironia: a ironia observável (situacional), que corresponde a uma decorrência de fatos que apresentam discrepância entre o que se espera que aconteça e o que realmente acontece. Em outras palavras, trata-se da diferença inesperada entre a intenção e o resultado ou entre a aparência e a realidade; essa ironia se manifesta nas situações do cotidiano e/ou no desenrolar dos acontecimentos. Já a outra categoria é a ironia instrumental (verbal), que ocorre no fator semântico, ou seja, o que é enunciado possui um significado oposto ou diferente do que está sendo expresso. É uma maneira de comunicar

uma ideia de forma sarcástica ou humorística, muitas vezes para criticar ou fazer uma observação inteligente. Camila da Silva Alavarce (2009, p. 26 - 27) sintetiza essas duas grandes categorias da seguinte forma:

diante da ironia observável, tem-se uma situação ou uma cena que devem ser percebidas pelo observador e julgadas irônicas, não existindo, assim, “alguém sendo irônico”. Já na ironia verbal, há uma atitude irônica expressa por um sujeito, que faz uso de uma inversão semântica para transmitir sua mensagem, como foi elucidado no último exemplo. [...] É interessante notar, entretanto, que, mesmo se tratando de uma ironia verbal, é preciso que o contexto/situação seja observado, caso contrário, o sentido pretendido pelo emissor não é alcançado pelo receptor. [...] É fundamental comentar que também se considera como ironia verbal a apresentação verbal da ironia observável. Isso se explica pela constatação de que, se a intenção é “transcrever” uma situação irônica, a apresentação implicará habilidades verbais semelhantes. Em outras palavras, o fato irônico observado será escrito de maneira que as contradições sejam ressaltadas, o que justifica designar por ironia verbal a apresentação verbal da ironia situacional.

A reflexão sobre a ironia verbal revela a importância do contexto na comunicação. Como afirmado, "é preciso que o contexto/situação seja observado, caso contrário, o sentido pretendido pelo emissor não é alcançado pelo receptor". Essa fala destaca que a eficácia da ironia depende não apenas da intenção do emissor, mas também da nossa capacidade de interpretar corretamente a mensagem dentro do contexto em que é apresentada.

Além disso, a relação entre a ironia verbal e a ironia observável é fundamental, pois, ao “transcrever” uma situação irônica, as habilidades verbais necessárias são semelhantes, ressaltando as contradições de forma que a ironia situacional se torna verbalmente explícita. Assim, compreender a ironia envolve uma análise cuidadosa tanto do conteúdo verbal quanto das nuances contextuais, o que nos permite que a ironia se manifeste de maneira eficaz e significativa.

Na perspectiva literária, a ironia parte da função de relato do autor/narrador, o que nos leva a enfatizar duas questões que são fundamentais para este trabalho: a intenção do autor e as questões sociais vigentes que são pontuais para o momento em que a obra foi escrita. Em *Triste fim de Policarpo Quaresma*, por exemplo, podemos compreender a intenção do autor de trazer à tona os traços da identidade brasileira e os desvios de caráter social e político. Idilva Germano (2000, p. 128) salienta, em *Alegorias do Brasil*, que:

Não há exatamente uma identidade brasileira a ser decifrada sob os meandros das palavras, rituais e imagens do seu povo. Não existe um sentido próprio que se opõe a um sentido figurado do Brasil. A rigor, toda expressão é polissêmica, remetendo a significação para uma infinidade de outras significações, ou seja, para outros aspectos daquilo que é. A literatura, os costumes e os símbolos brasileiros presentificam, encarnam, inscrevem a significação imaginária do Brasil.

Diante disso, ressaltamos a importância de analisar a ironia presente na literatura brasileira. Na perspectiva barretiana, podemos enxergar a sociedade e, em termos de ironia, ela age como um dos principais agentes denunciadores literários, não apenas nos escritos de Lima Barreto, mas também em outros escritores literários, como é o caso de Machado de Assis. Essa ironia transformou e possibilitou a integração dos tipos sociais na literatura, além de se configurar como um meio de crítica à superficialidade da sociedade brasileira.

Para entendermos a ironia, devemos pressupor que o ironista tem, em seu enunciado, a dualidade como princípio atuante. Assim, subentendemos que a subjetividade é um fator operante. Muecke D.C. (1995), em sua obra *Ironia e Irônico*, nos assegura que:

A história algo labiríntica do conceito, [...], levará eventualmente a uma visão dessa besta quase mitológica de natureza dupla – de natureza dupla, porque geralmente é aceito que existem duas formas básicas de ironia, diferentes, mas aparentadas e não facilmente separáveis, e quase-mitológica porque “ironia” é apenas um conceito, um elemento num sistema conceitual que, por sua vez, é apenas um acordo temporário quanto ao instrumento de compreensão do mundo. Uma mudança num ponto do sistema (e tal mudança já pode ter ocorrido) poderia eventualmente levar à descoberta de que o conceito de ironia tal como é entendido atualmente evita-nos de encarar a literatura de uma maneira nova: não é inconcebível que a “ironia”, ora um conceito-chave na crítica literária, acompanhará ao ostracismo o conceito de “sublimidade”, tão indispensável aos séculos passados (Muecke, 1995, p. 27 - 28).

A ironia é simplesmente uma variante atemporal que foge das explicações simplistas que possam tentar encaixá-la em uma única definição. Por isso, Muecke (1995), ao tentar defini-la, mostra a complexidade que a envolve e apresenta os possíveis campos em que ela pode atuar. No que diz respeito à ironia na literatura, percebemos que ela atua como um recurso de voz dos autores; sua predominância nas obras representa diferentes grupos da sociedade e como estes são traçados dialogicamente, evidenciando as extremidades das diferenças entre os sujeitos. Ao pensarmos na ironia dentro da literatura, podemos compreendê-la, assim como descreve Camila da Silva Alvarce (2009):

a ironia romântica é fruto da intervenção do narrador em seu relato. Assim, a narrativa prossegue normalmente até que, em determinado momento, e, obviamente, almejando fins específicos, o narrador “intromete-se”, revela-se, tecendo comentários, críticas ou mesmo refletindo sobre a criação literária.

A ironia na literatura, portanto, apresenta diferentes finalidades, o que nos leva a reafirmar as postulações de Alvarce (2009): a intenção do autor e as questões sociais vigentes, que são fundamentais para o momento em que a obra foi escrita.

2.2 Modulações, funções da ironia segundo Hutcheon

Ao abordarmos a ironia, Linda Hutcheon propõe uma divisão importante de suas funções em duas categorias principais: semântica e pragmática. Esse jogo de palavras cria uma discordância de sentidos, ou seja, diz-se algo, mas o real significado está oculto ou contraditório. A função pragmática, por sua vez, tem uma característica mais avaliadora, na medida em que busca expressar julgamento sobre uma situação. Frequentemente, esse julgamento tem natureza negativa, podendo se manifestar por meio de elogios que, na verdade, escondem uma crítica, ou por expressões laudatórias que, no fundo, implicam reprovação. Essas duas funções iniciais revelam a complexidade da ironia, pois ela não apenas contrasta sentidos, mas também carrega consigo uma avaliação muitas vezes implícita, mas presente.

A função pragmática da ironia é, pois, a de sinalizar uma avaliação, muito frequentemente de natureza pejorativa. O seu escárnio pode, embora não necessariamente, tomar a forma de expressões laudatórias, empregues para implicar um julgamento negativo; ao nível semântico, isto implica a multiplicação de elogios manifestos para esconder a censura escarneadora latente. (Hutcheon, 2000, p. 73)

A autora apresenta nove funções para a ironia, que variam em intensidade e carga afetiva, podendo ir desde manifestações mais suaves até as mais contundentes. Essas funções podem ser interpretadas de maneiras contraditórias, dependendo da perspectiva de quem as utiliza ou de quem as recebe. Isso nos leva a refletir sobre o caráter multifacetado da ironia: a ironia, assim, não é uma ferramenta de comunicação única, mas algo que pode gerar diferentes reações e leituras. Entre as funções descritas por Hutcheon, destaca-se:

A função reforçadora:

Oferece a possibilidade de diferença e avaliação apesar de pouca sensação de muita agudez crítica. Aqui, quero dizer, o uso ou a intenção intencional familiar da ironia sendo usada o para destacar alguma coisa, digamos, na conversação cotidiana. alguns. Para alguns, isso tem função positiva: ela é tida como necessária para ênfase. (Hutcheon, 2000, p. 77)

Assim, podemos perceber que essa ironia serve para enfatizar ou destacar algo. Ela pode ser vista positivamente, como um recurso preciso para tornar o discurso mais impactante, ou negativamente, como um elemento decorativo, superficial, que não agrega conteúdo significativo ao diálogo.

A função complicadora: “Tem de haver algum, se não muito, espaço para as arestas nem tão terrivelmente afiadas da ironia quando ela opera como se fosse verbal ou estruturalmente [...] uma forma de ambiguidade controlada.” (Hutcheon, 2000, p. 78) A autora particulariza

essa como um tanto ponderante, assim, essa ambiguidade e complexidade introduz no discurso uma ambiguidade, que pode ser apreciada por quem busca reflexão profunda, pois leva à interpretação múltipla dos sentidos. Contudo, para aqueles que preferem a clareza e a simplicidade, essa função pode ser vista de maneira negativa, gerando confusão e dificultando a compreensão.

A função lúdica da ironia descrita por Hutcheon também merece atenção, pois é “[...] numa luz favorável, essa é vista como uma ironia afetuosa de *provocação benevolente*, ela pode ser associada [...] com o humor” (2000, p. 78), dessa forma, esse tipo de ironia pode criar um ambiente de descontração, mas também pode ser percebido como irresponsável ou trivial, sem um conteúdo substancial. Já a função distanciadora: “[...] a carga afetiva associada à ironia vai começar a aumentar com o uso de palavras como “banalizante” e talvez até provocadora [...] a noção de ironia funcionando como meio de distanciar [...]” (2000, p. 79). Com efeito, permite que o ironista se afaste da situação em questão, proporcionando uma nova perspectiva sobre o que está sendo discutido. No entanto, essa função também pode ser interpretada negativamente, como uma atitude de superioridade ou indiferença em relação aos outros, o que pode gerar um distanciamento excessivo e prejudicial.

Outro aspecto importante é a função autoprotetora. Linda Hutcheon a descreve como uma ironia que “serve como um mecanismo de defesa” (2000, p. 80) Ao empregar esse recurso estilístico, o ironista pode evitar responsabilidades, críticas ou embaraços, uma vez que pode justificar suas palavras como sendo irônicas. Esse uso da ironia também pode ser uma forma de autopromoção, especialmente quando há autodepreciação aparente que, na verdade, serve para gerar simpatia ou para suavizar um erro.

A referida autora aponta a função provisória, que: “[...] no sentido sempre oferece uma condição, sempre contendo um tipo de estipulação condicional embutida que solapa qualquer condição firme e fixa [...]” (2000, p. 81). Por sua vez, questiona certezas absolutas e desafia dogmas, trazendo à tona a incerteza. Isso pode ser visto de maneira negativa, como evasão ou falta de comprometimento, ou, de forma positiva, como uma maneira legítima de lidar com a complexidade do mundo.

No quesito função de oposição:

“[...] é onde sua natureza transideológica pode ser mais clara, onde as arestas da ironia são vistas como se cortassem de todos os lados: ambos os conformistas e os rebeldes usam a ironia contra o outro e ambos sofrem com isso [...] além disso, a mesma elocução pode ter efeitos pragmáticos opostos [...]” (Hutcheon, 2000, p.83)

Desse modo, Linda Hutcheon a destaca como aquela que transgride ou subverte normas estabelecidas. Dependendo da perspectiva do observador, essa função pode ser vista como uma forma de crítica válida e subversiva, ou como algo ofensivo e insultante.

Já a função atacante/assaltante: “[...] opera como humilhação [...] mantêm as pessoas em seus devidos lugares[...]” (2000, p. 85), sendo, assim, a ironia é a mais agressiva, usada para ferir ou corrigir comportamentos. Nesse caso, a ironia assume um tom de ataque destrutivo, que pode ser percebido como humilhação e desprezo, especialmente quando usada de maneira excessiva.

Por fim, a função agregadora, que: “[...] pode criar comunidades (2000, p. 86), essa nos é apresentada como aquela que cria um senso de pertencimento entre o ironista e quem entende a ironia. Ela forma "comunidades amigáveis" (p. 86), mas também pode excluir aqueles que não compreendem a ironia, criando um ambiente elitista. Nesse caso, a ironia gera uma separação entre "os que sabem" e "os que não sabem"(p. 86), o que pode ser interpretado de forma negativa, como uma forma de exclusão social.

Em síntese, para Hutcheon, a ironia é uma ferramenta comunicativa multifacetada e dinâmica, com uma gama de funções que podem provocar efeitos contraditórios. Sua utilização pode ser tanto crítica e reflexiva quanto distanciadora ou até mesmo agressiva. O caráter ambíguo da ironia, que gera diferentes interpretações dependendo do contexto e do público, revela sua complexidade e sua capacidade de questionar, desafiar e, ao mesmo tempo, excluir ou simplificar questões importantes. Assim, a ironia, em suas diversas formas, é uma ferramenta de poder interpretativo, capaz de gerar tanto esclarecimento quanto confusão, dependendo de como é percebida e aplicada.

2.3 A ironia na literatura brasileira

A ironia é um recurso bastante explorado na literatura brasileira e um dos principais elementos que causa rupturas nas expectativas dos personagens das obras. Essa figura de linguagem revolucionou a escrita ao servir como meio de exposição das problemáticas sociais. Podemos encontrar esse recurso linguístico no romance *Memórias de um Sargento de Milícias* (1854), de Manuel Antônio de Almeida, no qual o elemento inovador é a apresentação de traços que antecipam as ideias do movimento realista. Nesta obra, percebemos que a característica que a torna inovadora é a perspicácia do narrador irônico. No primeiro capítulo, encontramos um narrador que descreve o tempo e o momento em que a história se inicia:

Era no tempo do rei. Uma das quatro esquinas que formam as ruas do Ouvidor e da Quitanda, cortando-se mutuamente, chamava-se nesse tempo- O canto dos meirinhos; e bem lhe assentava o nome, porque era aí o lugar de encontro favorito de todos os indivíduos dessa classe (que gozava então de não pequena consideração). Os meirinhos de hoje não são mais do que a sombra caricata dos meirinhos do tempo do rei; esses eram gente temível e temida, respeitável e respeitada; formavam um dos extremos da formidável cadeia judiciária que envolvia todo o Rio de Janeiro no tempo em que a demanda era entre nós um elemento de vida: o extremo oposto eram os desembargadores. Ora, os extremos se tocam, e estes, tocando-se, fechavam o círculo dentro do qual se passavam os terríveis combates das citações, provarás, razões principais e finais, e todos esses trejeitos judiciais que se chamava o processo. (Almeida, 1854, p. 01)

O narrador em terceira pessoa apresenta, inicialmente, a definição de um grupo pertencente à sociedade ainda monárquica, visto que ele menciona "era no tempo do rei", o que nos leva a perceber que a continuidade da narrativa evidencia os privilégios e o respeito que os meirinhos recebiam no meio social. No entanto, é perceptível a linguagem irônica no discurso. A princípio, ele descreve pessoas que seriam dignas dos cargos, mas logo percebemos que os meirinhos presentes são vistos apenas como "sombas caricatas". Assim, entendemos que a intenção irônica de Almeida tem, nesse trecho, sua principal força na ironia retórica. Essa ironia, por sua vez, tem o potencial de desvalorizar um discurso que, mesmo aparentemente iniciado com uma pretensão positiva, revela-se negativo ao final. Podemos evidenciar isso na maneira como ele descreve inicialmente os meirinhos como exemplos de profissionais da época: há um saldo positivo, mas, ao concluir seu pensamento, surge um sentido negativo em relação ao que foi anunciado no início. Esse jogo de palavras reflete o caráter subversivo da ironia em Almeida: ao mesmo tempo que ela aparenta elogiar, subverte e desqualifica, criando ruptura nas expectativas do leitor.

Machado de Assis (1839-1908) é outro escritor que utiliza bastante da ironia, em especial, em seus romances chamados de maturidade. Sua escrita possui muitas singularidades, especialmente em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), obra que marca o início do realismo no Brasil. É importante salientar que seus personagens têm um enfoque nas descrições psicológicas, e outro fator determinante é a metalinguagem digressiva. A forma de narração do personagem-narrador permite que ele discorra seus enunciados de um ponto interdimensional, resultando em um fluxo de interrupção narrativa. Nessa incursão, os diálogos do defunto-autor são direcionados para nós, leitores, e a partir disso percebemos uma ironia bastante criativa dentro dessas perspectivas.

Segundo Antônio Candido, Machado "não apenas apresenta a ironia como uma maneira de distanciamento, mas como um método de crítica e revelação das camadas mais profundas da realidade social" (Candido, 2006, p. 233). Essa ideia se reflete em *Brás Cubas*, visto que a voz

irônica do defunto-narrador é um dos principais elementos estruturais da obra. Machado faz uso de uma narrativa fragmentada, na qual o protagonista, morto, reflete sobre sua vida e sobre a sociedade com ironia cortante. O próprio formato da obra, repleta de interrupções narrativas e digressões, fortalece a desconstrução da realidade social e psicológica dos personagens, além de subverter a tradição do romance realista. A ironia, assim, não é apenas um recurso estilístico em Machado; ela se configura como um instrumento de reflexão crítica e de desmistificação das convenções sociais e das pretensões da sociedade brasileira.

Ao refletirmos sob o ponto de vista da linguagem, as figuras de linguagem contidas na obra, devemos observar a ideia inicial, na qual, ironicamente, um sujeito-defunto relata sua vida sob um ângulo dimensional. É irônico que um defunto conte sua história de acordo com sua perspectiva e sem a possibilidade de ser julgado por outros, pois isso implica que a “morte” é valorizada em detrimento da vida. Somente após a morte, Brás Cubas pode agir e pensar racionalmente sobre a sua existência. Vejamos um exemplo da ironia machadiana:

Vós, que o conhecestes, meus senhores, vós podeis dizer comigo que a natureza parece estar chorando a perda irreparável de um dos mais belos caracteres que tem honrado a humanidade. Este ar sombrio, estas gotas do céu, aquelas nuvens escuras que cobrem o azul como um crepe funéreo, tudo isso é a dor crua e má que lhe rói à natureza as mais íntimas entranhas; tudo isso é um sublime louvor ao nosso ilustre finado.” Bom e fiel amigo! Não, não me arrependo das vinte apólices que lhe deixei (Machado, 1992, p. 01)

O trecho acima, do primeiro capítulo intitulado “Óbito” do Autor, remete à ambiguidade do discurso do amigo, que o profere saudosamente, dando ênfase à fidelidade da amizade entre ambos. No entanto, após ouvir, Brás Cubas declara: “[...] Bom e fiel amigo! Não, não me arrependo das vinte apólices que lhe deixei [...]”. Essa declaração nos leva a entender que a emoção expressa pelo amigo não é despreziosa, visto que ele recebeu uma herança. Sob outra perspectiva, podemos subentender que Machado usa a ironia para questionar a moralidade da sociedade, ao mesmo tempo em que desafia o leitor a perceber as verdades ocultas atrás da fachada das convenções sociais.

Portanto, entendemos que a ironia se revela como um elemento fundamental na literatura brasileira, funcionando não apenas como recurso estético, mas também como uma ferramenta crítica poderosa. Ao explorarmos a discrepância entre o que é dito e o que é realmente transmitido, autores como Manuel Antônio de Almeida e Machado de Assis utilizam esse artifício para questionar e subverter as normas sociais, expondo as contradições e hipocrisias presentes em suas épocas. Seja no retrato irônico dos meirinhos de *Memórias de um*

Sargento de Milícias ou na reflexão metalinguística de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, a ironia não só desestabiliza as expectativas do leitor, mas também contribui para a construção de uma literatura mais complexa e profunda, que dialoga com a realidade de maneira crítica e irreverente. Nesse sentido, como aponta Antônio Candido em sua análise da literatura brasileira, "a literatura, em suas formas mais complexas, é uma maneira de conhecimento do homem e do mundo. Ela revela as contradições da sociedade, e, ao mesmo tempo, faz com que o leitor reconheça suas próprias limitações e ingenuidade" (Candido, 2006, p. 75). Assim, a ironia se apresenta não apenas como um recurso estilístico, mas como reflexo da capacidade da literatura de questionar e transformar o pensamento coletivo, alinhando-se à visão de Candido sobre o papel crítico da literatura na formação da consciência social.

3 A ironia em *Triste fim de Policarpo Quaresma*

Nesta seção, iremos analisar e problematizar o tipo de ironia adotado por Lima Barreto no romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Isso ocorrerá a partir dos autores discutidos na seção teórica deste trabalho acerca da ironia. De antemão, deixamos explícito que a ironia discursiva a ser analisada parte de campo amplo sobre o que é ironia. Entendemos que, independentemente da classificação dessa estilística, ela estará subsidiada pela seguinte variação: ironia de situação (ou observável), que ocorre quando há discrepância entre a expectativa e a realidade de determinada situação. Isso pode se manifestar de várias maneiras e, de fato, pode englobar diferentes dimensões. Entendemos, aqui, que a ironia situacional é retratada como um plano macro que subsidia/modula as características e manifestações socioculturais da sociedade em diferentes eixos, seja social, intelectual e/ou econômica (e entre outras), conforme veremos nos exemplos da análise discursiva marcada nos contextos.

3.1 O “Sossego” em suas ambiguidades

Lima Barreto, de forma cirúrgica, utiliza a ironia humorística crítica para denunciar as indiferenças, os preconceitos e as desigualdades sociais que permeavam a sociedade. Sobretudo, a ironia é um recurso intencionalmente utilizado por Lima Barreto para descrever as particularidades da identidade nacional do povo brasileiro de sua época. Por esse viés, a obra *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (1915) é um palco para a retratação da sociedade superficial, e, dentro deste romance, é possível ver os traços irônicos no protagonista, nos personagens secundários e, sobretudo, no narrador observador. A obra é dividida em três partes: na primeira, vemos a descrição rotineira da vida do major Quaresma e seus intentos nacionalistas, que são duramente desprezados em seu trabalho quando ele propõe, por meio de requerimento, ao ministro que a língua oficial do Brasil passe a ser o tupi-guarani. Major Policarpo tinha como principal característica a paixão devocional pela cultura e riquezas brasileiras. De acordo com o patriota, os índios eram os verdadeiros brasileiros e a língua portuguesa era apenas emprestada; no entanto, esse requerimento foi negado, pois Policarpo estava propondo algo que fugia da racionalidade. Assim, podemos constatar que:

Havia um ano a esta parte que se dedicava ao tupi-guarani. Todas as manhãs, antes que a "Aurora, com seus dedos rosados abrisse caminho ao louro Febo", ele se atracava até ao almoço com o Montoya, Arte e dicionário da língua guarani e o [...] tupi, e estudava o jargão caboclo com afincio e paixão [...] Na repartição, os pequenos empregados, amanuenses e escreventes, tendo notícia desse seu estudo do idioma

tupiniquim, deram não se sabe por que em chamá-lo — Ubirajara. (Barreto, 1996, p. 04)

Quaresma era visto pelos seus colegas de trabalho como chacota, em razão da sua devoção às línguas nativas. Esse foi um dos principais motivos que levou nosso protagonista a ter um colapso emocional. O motivo do internamento. Após tal acontecimento, Policarpo Quaresma passa um período internado e recebe visitas apenas de Olga (sua afilhada), do compadre e de Ricardo Coração dos Outros, violeiro e seu amigo íntimo; estes eram os únicos que acreditavam em sua lucidez e em seus ideais. Na segunda parte do enredo, intitulada “Sossego”, - trata-se exatamente do nome do sítio onde Policarpo Quaresma vai morar após sair do internato -, acompanhamos a saga do protagonista frente à terra.

A ideia de morar no sítio partiu de Olga, na tentativa de reanimar os ânimos do padrinho e distanciá-lo dos confrontos da cidade, pois estava associada ao cultivo da terra, pensamento alimentado pelo protagonista que acreditava que qualquer homem poderia viver da agricultura, que a terra brasileira era capaz de fornecer a sobrevivência. Porém, ironicamente, todas as suas tentativas de trabalho neste local fracassaram, pois não era fértil, havia pragas que dizimavam o plantio e este exigia não apenas esforço braçal, mas também financeiro e relações burocráticas com a política local. Assim, Quaresma experimentou as dificuldades de viver no campo. Embora sua ideia fosse focada na agricultura, o nacionalista se aproximou das pessoas da região e, a partir de então, começou a se envolver com os meios políticos de forma indireta, resvalando na corrupção do local. Vivenciando tudo isso, major Quaresma compreende que a vida no campo é uma contrariedade em relação a todas as expectativas criadas a partir de seus estudos teóricos.

Na terceira parte do romance, Policarpo Quaresma retorna à cidade ao saber que estava ocorrendo uma guerra (a Revolta da Armada). Ao chegar no Rio de Janeiro, apresenta um memorial de todas as suas contribuições ao Marechal Floriano, mas, por se tratar de um período difícil de recrutamento de soldados, Policarpo é convidado a se alistar ao exército. O cenário do Rio de Janeiro se adapta à guerra, que se torna parte da vida das pessoas. Com o decorrer do conflito, Ricardo Coração dos Outros é alistado como soldado rebelde, deixando de ser violeiro e passando a servir com tristeza e sem seu violão. Policarpo até tenta ajudar o amigo, mas não tinha poder para tal. Durante os confrontos da guerra, Policarpo Quaresma mata um homem e, em choque, escreve uma carta para sua irmã para relatar seu sentimento de culpa. Também, o major enfrenta várias situações que o desmotivam, como, por exemplo, os ferimentos que o afastam de suas funções.

A admiração que Policarpo Quaresma nutria pelo líder Marechal Floriano se esvai ao ver a corrupção, e com o fim da guerra, Policarpo é preso sem justificativa para tal ação. Durante a prisão, ele questiona sua paixão patriota, que parece ter chegado ao fim; a trajetória de sua vida se encerra com um sentimento de desilusão, refletindo sobre a figura totalitária do presidente como alguém cruel e incapaz de ser digno da admiração que um dia teve. Policarpo é acusado de traição pelo Marechal e condenado ao fuzilamento.

Na morte, major Quaresma percebe que sua vida patriota estava mais atrelada à ingenuidade exacerbada do que a um pensamento conciso e crítico sobre o que é ser patriota. Dessa forma, podemos analisar a perspectiva ufanista, na qual é desenvolvida na presente obra de Afonso Celso, em *Porque me ufano do meu país* (1943, p. 45):

Não deveis prezar a vossa terra só porque é vossa terra, o que, aliás, bastaria. Sobejam motivos para que tenhais também orgulho da vossa nacionalidade. A natureza não constitui o seu exclusivo e principal título de vangloria. [...] Ser brasileiro significa distinção e vantagem. Assiste-vos o direito de proclamar, cheios de desvanecimento, a vossa origem, sem receio de confrontar o Brasil com os primeiros países do mundo. Vários existem mais prósperos, mais poderosos, mais brilhantes que o nosso. Nenhum mais digno, mais rico de fundadas promessas, mais invejável. Nas linhas que se seguem procurei demonstrar estes assertos. Não as inspira entusiasmo, mas experiência e estudo. (p. 02)

Ainda, sob esse novo aspecto, é imensa a riqueza do Brasil que pôde produzir tudo quanto reclamarem as necessidades físicas do homem. Inúmeras a suas plantas aproveitáveis na alimentação, na indústria, no comércio, na medicina. (p. 45)

Conforme Afonso Celso (19143) podemos compreender que o autor exalta as qualidades e os potenciais do Brasil, destacando suas riquezas naturais, culturais e a importância do país no cenário global. Por meio de sua ênfase na valorização das conquistas materiais e naturais do Brasil que se alinham com a visão positivista de progresso e desenvolvimento. Nesse viés o escritor reflete com orgulho sobre os aspectos positivos da nação brasileira, como sua vastidão territorial, seus recursos naturais e sua diversidade, argumentando que essas características são motivo de orgulho para os brasileiros. Além disso, Celso enfatiza a importância de reconhecer e valorizar as qualidades próprias do país, promovendo um sentimento de patriotismo e confiança no futuro da nação. Nessa esteira, ao comparamos com os ideais de Policarpo Quaresma vemos que a construção de conhecimento sobre a grande potência que constitui a identidade cultural brasileira que o personagem formou não parte de uma clareza científica, por isso que a sua visão pertence ao parâmetro do ufanismo. Uma devoção exacerbada aos construtos nacionais.

No trecho abaixo, veremos um exemplo de ironia de Lima Barreto (1996, p. 01) através de seu narrador-observador:

Como de hábito, Policarpo Quaresma, mais conhecido por Major Quaresma, bateu em casa às quatro e quinze da tarde. Havia mais de vinte anos que isso acontecia. Saindo do Arsenal de Guerra, onde era subsecretário, bongava pelas confeitarias algumas frutas, comprava um queijo às vezes e sempre o pão da padaria francesa.

Pode-se observar, a partir da citação, que a vida de Policarpo Quaresma é monótona; ele é um sujeito metódico, de hábitos rotineiros. O patriota se considerava apenas adepto da cultura, das comidas e dos costumes nacionais como meio de subsistência e repelia todas as demais. No entanto, contradiz-se ao afirmar que "comprava [...] sempre pão da padaria francesa". Neste caso, podemos perceber que Lima Barreto faz essa escolha para ironizar e contradizer os atos do patriota exacerbado. Ao ironizar essa situação, ele aponta que a sociedade brasileira possui marcas da cultura europeia enraizadas no cotidiano, de modo que não consegue mais distinguir aquilo que é nacional e importado. Esse cenário pode ser observado na busca pelas cantigas populares nacionais, - fontes de desprezo social -, em que Policarpo e Albernaz, depois de dificuldades, encontram um contador de histórias nacionais. Por sua vez, descobrem tratar-se de histórias estrangeiras, reafirmando a perda da cultura do país.

Adentrar à escrita de Lima Barreto é um mergulho histórico no misto dos problemas sociais que eram mascarados pela sociedade hipócrita e desenfreadamente racista. Sabendo disso, podemos pensar na voz barretiana como um "João Batista" (Ma 03,01-12), que gritava no deserto apontando criticamente a sociedade corruptível. No que concerne aos traços irônicos na obra *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, não há tentativa de encaixá-la em uma só categoria de ironia. Por sua vez, há uma base narrativa e contextual que a leva integrar-se aos parâmetros da ironia situacional. Nosso renomado autor, realmente, nos faz refletir sobre as contradições da sociedade brasileira do início do século XX. Policarpo, o protagonista, é um patriota fervoroso que acaba se desiludindo com a realidade do Brasil. Seus ideais de progresso e a valorização da cultura nacional colidem com as injustiças sociais e a corrupção que cercam sua vida.

Quando lemos sobre a ironia situacional, Muecke nos ajuda a entender que se trata de um "caos infinitamente fervilhente, um processo dialético de criação e descriação" [...] tem o homem como vítima" (Muecke, 1995, p. 39). Policarpo, que deseja tanto transformar a sociedade e impulsionar a cultura nacional, acaba se tornando símbolo de fracasso. Isso nos leva a uma crítica mordaz à hipocrisia e à falta de caráter que permeiam tanto o povo quanto as instituições brasileiras.

Linda Hutcheon também nos faz pensar na ironia como uma ferramenta crítica. Em sua obra *A Poética do Pós-Moderno* afirma: “a ironia permite repensar a narrativa e a representação da história, revelando a complexidade dos discursos sociais” (Hutcheon, 1988, p. 23). Para nós, a ironia em Barreto não é apenas um toque de humor, mas uma estratégia que nos provoca a questionar a realidade ao nosso redor e a refletir sobre os valores que moldam a sociedade. Em *Triste fim de Policarpo Quaresma* (Barreto, 1996, p. 97 – 98) é possível perceber que a figura do personagem Marechal Floriano Peixoto é a representação da instituição brasileira:

Na verdade, o major tinha um espinho n'alma. Aquela recepção de Floriano às suas lembranças de reformas não esperava nem o seu entusiasmo e sinceridade nem tampouco a ideia que ele fazia do ditador, saíra ao encontro de Henrique IV e de Sully e vinha esbarrar com um presidente que o chamava de visionário, que não avaliava o alcance dos seus projetos, que os não examinava sequer, desinteressado daquelas altas coisas de governo como se não o fosse!... Era, pois, para sustentar tal homem que deixava o sossego de sua casa e se arriscava nas trincheiras? Era, pois, por esse homem que tanta gente morria? Que direito o tinha de vida e de morte sobre os seus concidadãos, se não se interessava pela sorte deles, pela sua vida feliz e abundante, pelo enriquecimento do país.

Assim, percebemos que Lima Barreto usa a ironia situacional para criticar um Brasil que trai seus próprios cidadãos, dismantando os sonhos de quem, como Policarpo, apenas deseja um país melhor. O desenlace trágico do protagonista, que termina isolado e marginalizado, é um retrato da impotência do homem diante de uma sociedade que não parece disposta a acolher suas aspirações de transformação. Dessa forma, Barreto nos apresenta Policarpo Quaresma como um personagem que nos convida a explorar crítica profunda à sociedade de seu tempo, fazendo-nos refletir sobre o que realmente significa lutar por mudança.

3.2 Loucura e sanidade

[...] após ter passado seis meses no hospício da Praia das Saudades. Saíra curado? Quem sabe lá? Parecia; [...] Quaresma viveu lá, no manicômio, resignadamente, conversando com os seus companheiros, onde via ricos que se diziam pobres, pobres que se queriam ricos, sábios a maldizer da sabedoria, ignorantes a se proclamarem sábios: mas deles todos, daquele que mais se admirou, foi de um velho e plácido negociante da Rua dos Pescadores que se supunha Átila. (Barreto, 1996, p. 39).

Nesse recorte, vemos uma perspectiva denunciadora que revela uma galeria de personagens, como se fossem atores em uma peça trágica, desempenhando papéis que desafiam a lógica. Os ricos, com suas vestes impecáveis e ares de superioridade, proclamam-se miseráveis, como se a pobreza fosse um sinal de honra que iluminasse suas almas vazias. Em um giro cômico, os pobres, adornados com sonhos grandiosos, desejam riquezas, acreditando

que a felicidade pode ser comprada em parcelas, revelando uma ilusão que intensifica sua própria alienação.

Muecke (1995) destacaria como essa dinâmica irônica aponta para uma crítica social mais ampla, em que os sábios, ao menosprezarem seu conhecimento, revelam a futilidade de um saber desconectado das experiências humanas. Por outro lado, os ignorantes, ao se apresentarem como iluminados, encarnam a comédia da autoconfiança desmedida, desafiando a noção tradicional de sabedoria. Assim, a obra de Barreto, segundo a teoria de Muecke, não é apenas uma sátira, mas uma reflexão profunda sobre a natureza contraditória da sociedade e a luta incessante do ser humano em busca de sentido em meio ao absurdo.

O pensador nos ajuda a entender ainda mais a complexidade do olhar de Policarpo Quaresma sobre o manicômio. Para ele, a ironia é um jogo de contrastes e desarmonia que revela verdades ocultas por meio do riso e da perplexidade. Nesse manicômio, a ironia situacional se apresenta como um espelho da sociedade, manifestando-se na crítica social mais ampla sobre identidade, status e a condição humana. Nessa perspectiva, a ironia se torna um veículo poderoso que ressoa com a dinâmica social do Brasil no século XX. Durante esse período, nosso país passou por transformações significativas, como a reforma Pereira Passos, que evidenciou contrastes sociais, políticos e econômicos que refletiam na vida cotidiana, especialmente na desigualdade.

Assim, no trecho destacado acima, percebemos que Lima Barreto quebra paradigmas ao mostrar que os companheiros do manicômio pertencem a diferentes classes sociais. A ironia, nesse contexto, emerge como uma lente crítica que nos permite observar as nuances e que permeiam a sociedade brasileira, especialmente em tempos de desigualdade, colocando todos sob a mesma medida de julgamento. Assim, o autor nivela a sociedade, equiparando todos a uma única condição social, material e econômica.

Ao refletimos a respeito da sociedade finisecular, com sua crescente urbanização e modernização, conectamos diretamente à ideia de Nicolau Servecenko (2016) de que a literatura tem uma missão de representar e criticar a realidade social. O retrato de uma sociedade em transformação, onde as normas e valores são desafiados pela convivência entre diferentes classes, é um exemplo claro dessa missão literária. A literatura, ao abordar a complexidade da urbanização e suas consequências, como as novas formas de desigualdade e a estratificação social, cumpre seu papel de refletir e questionar os processos históricos e sociais. Através dessa representação, a literatura não só documenta as mudanças, mas também provoca nossa reflexão sobre as tensões e os conflitos gerados por essas transformações, nos levando a questionar o

impacto da modernização e a pensar sobre possíveis soluções para as desigualdades emergentes. Assim, a literatura, na visão de Servecenko (2016), não se limita a entreter, mas exerce uma função crítica e educativa, iluminando as questões sociais e políticas de nosso tempo.

3.3 A hipocrisia social ou apenas características individuais?

No trecho "há peralvilhos à última moda; há mulheres de chita; e assim, pela tarde, quando essa gente volta do trabalho ou do passeio, a mescla se faz numa mesma rua, num quarteirão, e quase sempre o mais bem posto não é quem entra na melhor casa" (Barreto, p. 46), percebemos uma observação crítica sobre a dinâmica social de um ambiente urbano, onde diferentes classes sociais e modos de vida coexistem em proximidade. O narrador nos revela uma imagem de diversidade e contradição, indicando que as aparências e a realidade social podem ser enganosas. Essa ironia sutil evidencia a relação entre o coletivo e o individual na sociedade descrita. Linda Hutcheon, em sua obra *A Poética da Ironia*, discute a ironia de forma complexa, abordando-a como uma forma de comunicação que revela contradições e tensões sociais, alertando para a discrepância entre as aparências e a realidade. No romance de Barreto, podemos observar isso quando o autor desconstrói os ideais da sociedade de Policarpo, que se acreditava superior à população do subúrbio, território de Ricardo Coração dos Outros.

Fora dos subúrbios, na Rua do Ouvidor, nos teatros, nas grandes festas centrais, essa gente míngua, apaga-se, desaparece, chegando até as suas mulheres e filhas a perder a beleza com que deslumbram, quase diariamente, os lindos cavalheiros dos intermináveis bailes diários daquelas redondezas. (Barreto, 1996, p. 05)

O trecho acima coopera assertivamente com a intensificação da ironia sob a mesma contextualização do referido recorte que apresenta a ideia de que se esperaria que o "mais bem posto" fosse a melhor opção: essa afirmação crítica a superficialidade das aparências e a inversão de valores que pode ocorrer na sociedade. Representando um ideal de sucesso ou riqueza, nem sempre o que parece ser realmente é, de fato, a melhor escolha de vida, revelando a complexidade das interações humanas. Hutcheon enfatiza que a ironia pode subverter normas e provocar uma reflexão crítica sobre a sociedade. Nesse caso, a presença da ironia revela a hipocrisia das convenções sociais, mostrando que a verdadeira posição social ou valor de uma pessoa não é necessariamente refletida pela sua aparência ou vestimenta. A mistura de classes na mesma rua é a constatação de que nem sempre o que parece ser "melhor" realmente está em uma posição privilegiada, assim, isso nos convida a refletir sobre desigualdades e preconceitos sociais.

Além do mais, podemos observar que, embora as pessoas possam ser agrupadas em categorias sociais, a verdadeira essência das relações humanas transcende essas classificações, revelando uma realidade mais complexa e, por vezes, contraditória. O individual, representado pelas características e escolhas de cada um, se entrelaça ao coletivo, que é o espaço e a sociedade em que todos coexistem, levando-nos a pensar sobre a autenticidade das relações interpessoais em meio às convenções sociais.

3. 4 Desejo *versus* realidade

A inocência e o ufanismo de Policarpo Quaresma são, sem dúvida, algumas das características mais ricas e complexas da obra. Após sua trágica internação, marcada por um colapso emocional e um desencanto profundo com a realidade brasileira, Quaresma, sob a influência de Olga, sua afilhada, decide redirecionar sua visão de nacionalismo para um ideal mais pragmático: viver da terra. Esse movimento não é apenas uma mudança de perspectiva, mas uma verdadeira epifania que o leva a acreditar na possibilidade de um Brasil autossustentável. Quaresma idealiza uma simplicidade que, na prática, pode ser mais complexa e desafiadora do que imagina. Visto que a terra era:

Não se agastou com as primeiras ingratidões da terra, aquele seu mórbido amor pelas ervas daninhas e o incompreensível ódio pela enxada fecundante. Capinava e capinava sempre até vir jantar. [...] Quaresma agarrava-o, punha-se em posição e procurava com toda a boa vontade usá-lo da maneira ensinada. Era em vão. O flange batia na erva, a enxada saltava e ouvia-se um pássaro ao alto soltar uma piada irônica: bem-te-vi! O major enfurecia-se, tentava outra vez, fatigava-se, suave, enchia-se de raiva e batia com toda a força; e houve várias vezes que a enxada, batendo em falso, escapando ao chão, fê-lo perder o equilíbrio, cair, e beijar a terra, mãe dos frutos e dos homens. (Barreto, 1996, p. 43 - 44)

O sítio “Sossego” trouxe desafios, entre os quais podemos destacar a violência como um dos principais aspectos que sugerem que viver da terra não é tão simples para o homem. Nesse contexto, destaca-se a ironia situacional em: “Como era tão simples viver na nossa terra! Quatro contos de réis por ano, tirados da terra, facilmente, docemente, alegre- mente! Oh! terra abençoada!” (Barreto, 1996, p. 41). Podemos analisar esse trecho sob o viés do ideal de simplicidade e harmonia associada ao Brasil rural, um dos topos *edênicos*, conceito que Sérgio Buarque de Holanda (2006) em que aborda em suas análises da formação social brasileira. Esse *topo edênico* é a representação do Brasil como um paraíso perdido, uma terra abundante e generosa, onde a vida era simples e o contato com a natureza proporcionava uma existência quase idílica. Assim, o trecho pode ser visto, então, como uma nostalgia ou até uma crítica implícita à modernização e seus efeitos sobre a sociedade, contrastando com a visão do campo

como um lugar de harmonia e abundância. Por conseguinte, o contraste entre a simplicidade idílica do campo e os desafios da urbanização e modernização presentes na obra de Lima Barreto reflete uma crítica mais profunda às ilusões de um Brasil perfeito e sem tensões sociais.

Outro ponto a se analisar no trecho é a empolgação e fantasia inocente do personagem ao idealizar, no entanto, no decorrer dos dias no sítio, podemos concluir que a ironia situacional se concretiza quando vemos o imaginário de Policarpo desconstruído, assim, no seguinte trecho: “não se agastou com as primeiras ingratidões da terra” destaca-se a persistência de Quaresma em cultivar a terra, apesar das dificuldades. Seu amor pelas ervas daninhas contrasta com o ódio pela enxada, evidenciando uma luta interna. Essa dualidade revela a terra como um espaço hostil, desafiando a idealização do trabalho agrícola. Isso nos remete, também, ao fato de que para o pequeno produtor em detrimento do grande latifundiário, os problemas agrários são solucionados de formas opostas, ou melhor dizendo, os pequenos produtores não conseguem lidar com tais desafios.

Outro ponto a ser destacado é que essa violência também afeta o emocional e o psicológico de Quaresma, pois a perda dos alimentos reflete a fragilidade de suas inúmeras tentativas de viver do sustento da terra. Todavia, seu fracasso, mesmo diante de tantos esforços, é reduzido à pequenez das formigas. A força descontrolada da natureza se opõe a ele. A imagem das formigas se transforma em uma ameaça às suas provisões, acentuando a ideia de que, mesmo com esforço e amor pela terra, há sempre um risco de perda e uma violência inerente à vida rural. Essa situação ressalta a ironia da luta de Quaresma: na qual busca um ideal de vida agrícola que se revela, na prática, uma batalha constante contra forças que parecem insignificantes, mas que, na verdade, são devastadoras.

la procurar nos cantos, quando sentiu uma ferroadada no peito do pé. Quase gritou. Abaixou a vela para ver melhor e deu com uma enorme saúva agarrada com toda a fúria à sua pele magra. Descobriu a origem da bulha. Eram formigas que, por um buraco no assoalho, lhe tinham invadido a despensa e carregavam as suas reservas de milho e feijão, cujos recipientes tinham sido deixados abertos por inadvertência. (Barreto, 1996, p. 61)

Alavarce (2009) argumenta que a ironia se manifesta em situações em que as expectativas dos indivíduos colidem com a realidade social, revelando verdades desconfortáveis. No caso de Quaresma, a expectativa de uma vida simples e autossuficiente ao viver da terra se choca com as dificuldades práticas que ele enfrenta. “Abaixou a vela para ver melhor e deu de cara com uma enorme saúva agarrada com toda a fúria à sua pele magra. Descobriu, então, a origem da bulha.” A violência das formigas, por sua vez, se torna uma

extensão dessa relação conturbada. Há uma violência física que impõe a Policarpo a dimensão da fúria do meio em que vive; assim, as formigas simbolizam uma força invasiva e destrutiva, invadindo e consumindo suas reservas.

Desde aquele ataque às provisões de Quaresma, logo afugentadas, não mais as formigas reapareceram; mas, naquela manhã, quando contemplou o seu milharal, foi como se lhe tirassem a alma, e ficou sem ação e as lágrimas lhe vieram aos olhos. O milho que já tinha repontado, muito verde, pequenino, com uma timidez de criança, crescera cerca de meio palmo acima da terra; o major até mandara buscar o sulfato de cobre para a solução em que ia lavar a batata inglesa a plantar nos intervalos dos pés. (Barreto, 1996, p. 65)

A relação de Policarpo Quaresma com a terra e as formigas, conforme apresentada nos trechos, revela uma complexa teia de violências que permeiam sua experiência como agricultor e defensor de uma vida rural idealizada, demonstrando grande atrito que rompe com o campo da idealização e o direciona para a dura realidade. Isso nos leva a perceber que a ironia se instaura desde o nome do sítio: "Sossego". Enquanto tudo o que Quaresma buscava emocionalmente era tranquilidade, o que se instala ao longo da narrativa é uma mistura de caos com pitadas de exaltação. Assim, o que deveria representar a terra como um espaço de reconstrução de vida e devoção à pátria torna-se, na verdade, um cenário de frustração para Quaresma.

Com efeito, o lamento de Policarpo ao contemplar seu milharal, que já: “crescera cerca de meio palmo acima da terra”, expressa profunda conexão emocional com o que ele cultivava, mas também uma sensação de impotência diante do que lhe foi tirado. A súbita devastação de seu trabalho e o sofrimento que isso provoca trazem à tona a fragilidade do ideal de vida que almeja. A ironia aqui é evidente: o que deveria ser espaço de esperança e abundância se transforma em cenário de frustração e dor, reforçando a crítica à idealização da vida no campo.

Dessa forma, a terra que deveria ser um espaço de abundância e sustento, torna-se, assim, um campo de batalha onde as esperanças de Quaresma são frequentemente frustradas. Esses elementos se entrelaçam para mostrar que a violência da terra, a invasão das formigas e a devastação das plantações não são apenas metáforas para as dificuldades que Quaresma enfrenta; elas revelam uma luta mais ampla entre o idealismo de um nacionalismo agrário e as realidades cruéis da vida no campo.

Por fim, em um momento de epifania, Policarpo “Quaresma veio a recordar-se do seu tupi, do seu folclore, das modinhas, das suas tentativas agrícolas — tudo isso lhe pareceu insignificante, pueril, infantil”. (Barreto, 1996, p. 69). Quaresma se desapega de suas raízes e

tradições, uma postura que ecoa um sentimento comum em sociedades que buscam modernidade às custas de suas heranças culturais. A visão depreciativa que o major tem de suas tradições revela a internalização de uma crítica social mais ampla, que pode ser vista em contextos agrários onde os saberes locais são subestimados. Ao se sentir impotente frente a um contexto social opressivo, Quaresma internaliza a crítica, enxergando sua própria cultura como irrelevante, o que, ironicamente, evidencia a maneira como a sociedade trata as tradições.

Em uma sociedade que frequentemente promove um ufanismo exacerbado, celebrando a ideia de um Brasil grande e moderno, mas ignorando as realidades das comunidades rurais, Quaresma se torna uma figura trágica, lutando para encontrar um lugar para sua identidade cultural em um contexto que a marginaliza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como diagnóstico deste estudo, podemos reconhecer que todo aprofundamento possível na obra de Lima Barreto é passível de grande importância, seja de mérito bibliográfico, seja de mérito crítico social, que se evidencia ao analisarmos sua escrita irônica. Contador das coisas palpáveis do limiar do século XX carioca, o romancista lastima, em suas obras, a desatenção dada pelo Estado ao povo, questiona a literatura que se constrói de olhos fechados para as ruas e penetra na alienação humana, a qual vive sob o peso da competição, sempre criando identidades inferiores.

No mais, essa pesquisa trouxe os aspectos da ironia crítica barretiana, que nos possibilitou enxergar pelo viés das concepções desenvolvidas por Mucke (1995), que foram analisadas a partir dos trechos da referida obra. Com isso, constatamos posicionamentos ferrenhos que desvendam e trazem à luz as ações e os costumes corruptíveis da camada “suburbana” da sociedade carioca. Ao evidenciarmos o olhar assíduo de Lima Barreto ao denunciar as desigualdades lastimáveis que padeciam os habitantes da então capital do país, apontamos as contrariedades que a população desfavorecida vivenciava com o silenciamento de suas vidas, cultura e identidade.

Triste fim de Policarpo Quaresma é a façanha de um grande ideólogo da cultura nacional, que recorria aos livros para criar suas imaginações acerca da nação. Seu idealismo é fonte da representação exaltada pelos escritos históricos ufanistas que circularam na época da Proclamação da República, o que reafirma a imaginação romântica que os manuais representavam a nação, distante da realidade dos fatos.

Portanto, apresenta-se como descrição da alienação promovida pela classe dominante. Também, traça-se denúncias ao desprezo ofertado pela sociedade à cultura nacional, alienada ao universo externo. Portanto, nesse mundo de alienações, Policarpo é apenas uma pequena peça do xadrez, que não se encontra em lugar algum, pois assim era o homem do limiar do século XX, perdido e aniquilado pelos discursos e modos de vida externos.

Dessa forma, finalizamos este estudo a respeito do romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, pelo viés da ironia, destacando a inesgotabilidade dos temas trabalhados por este grande ideólogo da literatura e da cultura nacional.

Apesar de haver muitos estudos sobre as escrituras de Barreto, cada nova abordagem enriquece e contribui com a permanência das investigações acerca de suas obras, sendo este receptáculo de muitos estudos anteriores e que esperamos que também se torne fonte de pesquisa para novos interlocutores.

REFERÊNCIAS

- ALAVARCE, Camila da Silva. *A ironia e suas refrações*: um estudo sobre a dissonância na paródia e no riso. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.
- ANDRADE, Mário. Memórias de um Sargento de Milícias. In: *Aspectos da literatura brasileira*. São Paulo: Martins, 1974, p. 125-140.
- ASSIS, Machado. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Ática, 1992.
- BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. 20ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.
- BRAIT, Beth. *Literatura e outras linguagens*. São Paulo: Contexto, 2010,
- Blog A Daga Sem fio. Lima Barreto – **Mestres da literatura**. Youtube, 2015. Disponível em: <https://youtu.be/O3lICySz8I> > acesso em: 31 agosto de 2024.
- DUARTE, Lélia Parreira. *Ironia e humor na literatura*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas; São Paulo: Alameda, 2000.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 17. ed. São Paulo: Editora Ática, 2006.
- CELSO, A. *Porque me ufano do meu país*. 12.ed. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Companhia, 1943.
- DUARTE, Lélia Parreira. *Arte & manhas da ironia e do humor*. In: _____. Ironia e humor na literatura. Belo Horizonte: PUC Minas; São Paulo: Alameda, 2006. p. 17-50
- FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. 8ª edição. Editora: Globo. São Paulo. 2008.
- GICOVATE, Moisés. *Lima Barreto*: uma vida atormentada. São Paulo: Melhoramentos, [c. 1952].
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 34. ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2012.
- HUTCHEON, L. *A Poética do Pós-Moderno*. São Paulo: Perspectiva, 1988.
- HUTCHEON, Linda. *Teoria e Política da ironia*. Editora UFMG. Belo Horizonte. 2000.
- Novo testamento: **BÍBLIA, N. T. Mateus**. In: Bíblia Sagrada. Tradução de Fernando. 3ª Edição. São Paulo - SP: Editora NVI, 2023
- MUECKE, D. C. *Ironia e o irônico*. Tradução de Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- MUECKE, D. C. *Ironia*. São Paulo: Martins Fontes, 1982.
- PRADO, Antonio Arnoni. Lima Barreto: **o crítico e a crise**. Rio de Janeiro: Cátedra. Brasília, 1976.
- PRADO, Antonio Arnoni. Lima Barreto: uma autobiografia literária. São Paulo: Editora 34, 2012.

SÉRVEÇENKO, Nicolau. *Modernos na marra*. *Revista Pesquisa FAPESP*, São Paulo, edição 227, mar. 2016. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/modernos-na-marra/>. Acesso em: 12 dez. 2024.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Lima Barreto: *triste visionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.